

Os Felizes Perdedores da Regata Ele & Ela

Por Fernando Cunha

Todos os anos, tradicionalmente, realiza-se em Brasília - no domingo que mais se aproxime do dia 12 de junho, consagrado aos namorados - uma competição náutica intitulada Regata Ele & Ela, onde só é permitida a participação de um casal em cada barco.

Estávamos em junho de 2000, ano em cujo início eu havia adquirido o **EL REFUGIO**, meu primeiro veleiro, e que gerou a narrativa denominada *A Escota que Virou Cabo de Guerra*, publicada neste site.

Seria então a oportunidade para que o casal de velejadores, Fernando e Erlanda (eu e minha mulher), participasse de sua primeira competição nessa modalidade, e que se tornou uma constante desde então até os dias atuais.

Quem leu o episódio acima mencionado sabe das barbeiragens de principiante que eram cometidas, à época, por nosso grupo de aprendizes. Logo, com apenas um casal no barco elas tenderiam a ser maiores.

No dia previsto, madrugamos em nosso clube de então (AABB), e de lá nos deslocamos, impulsionados pelo motor de popa, até o local onde seria dada a largada, cujo trajeto é feito dessa forma em pouco mais de uma hora.

Trata-se de uma regata de percurso onde a largada é dada às 10.00h., em frente ao Iate Clube de Brasília e a chegada em frente ao Cota Mil Iate Clube.

Após os procedimentos regulamentares e a conseqüente largada de todos os barcos, eis que começa o nosso desespero. Como havíamos decidido largar por último, para não enfrentarmos aquele miolo onde se colocam os mais experientes em busca de uma melhor posição de largada, acabamos nos afastando tanto da linha que fomos encalhar em um local perto da margem.

Decorridos alguns minutos de sufoco, conseguimos sair com a ajuda do motor de popa e por fim nos dirigimos à linha para fazermos a nossa desesperada largada, já com um precioso tempo perdido e agradecendo a tolerância da Comissão de Regatas. Afinal, tratava-se de uma regata festiva e onde as tripulações (casais) passam por muitas dificuldades por conta da inexperiência de muitas mulheres, o que é perfeitamente justificável.

Apesar desse fato, não nos intimidamos e decidimos prosseguir até o final da regata, embora o nosso propósito inicial fosse dar a largada e fazer apenas metade do percurso a guisa de experiência para os anos seguintes.

Durante o percurso, desnecessário dizer, praticamos todas as mazanzadas a que tínhamos direito. Prá resumir.

Chegando ao final do percurso, evidentemente em último lugar, eis que novamente lá se encontrava a tolerante Comissão de Regatas aguardando os felizes retardatários. E ainda nos aplaudiu pelo feito.

Ao término da regata são oferecidos almoço e bebidas a todos os participantes, compreendendo também familiares e convidados, e na mesma ocasião também se realiza a premiação com a entrega de troféus e medalhas aos vencedores de cada categoria.

Agora vem o fato pitoresco do evento.

Um casal de convidados que participava da festa e desconhecia os resultados, além de nada entender de competição náutica, ao observar a nossa euforia entre os presentes, fez as seguintes indagações a um dos organizadores:

Pergunta: Foi esse casal que ganhou a regata?

Resposta: Não, eles foram os últimos.

Pergunta: E por que a tamanha alegria deles?

Resposta: Porque conseguiram completar a prova.

É, meus amigos. Como diz aquele nobre deputado, Justo Veríssimo, criação do grande Chico Anísio: **É RELATIVO. TUDO É RELATIVO!**